



PSICANÁLISE

Claudio Castelo Filho

O Processo Criativo

Transformação e ruptura

Blucher

O PROCESSO CRIATIVO

Blucher

O PROCESSO CRIATIVO

Transformação e ruptura

Claudio Castelo Filho

O processo criativo: transformação e ruptura

1ª edição: Casa do Psicólogo

2ª edição: Editora Edgard Blücher Ltda.

© 2015 Claudio Castelo Filho

Este livro foi baseado na Tese de Doutorado do autor apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 2003; e revisado, atualizado e acrescido de novos *insights* para nova edição da Editora Blucher em 2015.

Imagem da capa: Claudio Castelo Filho, acrílica sobre tela, 80 x 100 cm, “Apolo e Dafne” – em coleção particular.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Castelo Filho, Claudio

O processo criativo: Transformação
e ruptura/ Claudio Castelo Filho. - São
Paulo: Blucher, 2015.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-0977-5

1. Criatividade 2. Grupos –
Relacionamento – Treinamento 3.
Psicanálise 3. Psicologia social I. Título

15-1086

CDD 153.35

Índices para catálogo sistemático:

1. Processo criativo – fenômenos grupais

Para minha querida Rita e nosso Eduardo

Agradecimentos

Os meus mais sinceros e profundos agradecimentos à Maria Inês Assumpção Fernandes, por suas luzes e sua preciosa amizade.

Também agradeço ao grande apoio de meus pais, pois tive a sorte de ter os melhores que alguém pode desejar.

Minha gratidão aos meus pacientes, que tanto têm me ensinado.

Aos meus queridos irmãos.

Destaco o apoio e o suporte que recebi da Casa do Psicólogo.

Ao Eduardo e à Thais Blucher pelo grande estímulo para essa nova, revisada e atualizada edição.

Conteúdo

Prefácio	11
1. Introdução	15
2. Os conceitos	47
2.1 <i>Definição dos conceitos</i>	47
2.2 <i>A psicanálise e o (conflito com o) establishment</i>	120
2.3 <i>O analista como autoridade</i>	128
2.4 <i>Narcisismo e social-ismo/Ética e moral</i>	137
2.5 <i>O gênio; continente e contido; transformações em O e em K</i>	164
2.6 <i>Desenvolvimento dos conceitos nas relações do gênio/místico com ele mesmo e com os membros de seu grupo</i>	170
3. Ideias que se aproximam na mitologia, na literatura e nas ciências	223
3.1 <i>Vernant e a Teogonia. Establishment x renovação. Expansão x enrijecimento</i>	227

3.2	<i>Prometeu</i>	234
3.3	<i>Prometeu acorrentado e o espírito livre</i>	236
3.4	<i>A obra de arte e Hannah Arendt</i>	243
3.5	<i>Shakespeare e a linguagem de êxito</i>	248
3.6	<i>Martins e o demônio na fábrica</i>	249
3.7	<i>Algumas evoluções a partir da (re)leitura de As bacantes, de Eurípedes, e de Édipo Rei e Antígona, de Sófocles</i>	257
3.8	<i>Evolução da apreensão do complexo de Édipo a partir da obra de Bion</i>	268
4.	<i>Cristo, Isaac Luria, Freud, Klein e Bion</i>	273
4.1	<i>Isaac Ben Solomon Luria</i>	273
4.2	<i>Freud, Klein, Bion</i>	280
5.	<i>Reflexões finais: inconclusão</i>	297
6.	<i>Uma transformação literária do tema</i>	319
6.1	<i>O Casulo</i>	320
	<i>Referências bibliográficas</i>	325

Prefácio

Quando meu querido amigo Claudio Castelo me concedeu a honra de prefaciar a nova edição de seu livro, tive a grata oportunidade de “relê-lo pela primeira vez”. Quero dizer com isso que não se tratou de uma simples releitura, já que essa nova edição contempla diversas atualizações, revisão de vários trechos, acréscimos consideráveis e aportes clínicos inéditos, baseados em sua experiência psicanalítica e estética dos últimos dez anos. Mas, no entanto, é uma releitura, no sentido de ser uma releitura feita pelo próprio autor, de suas ideias e *insights* expostos na primeira edição do livro. Como em toda cesura, existe uma continuidade e, além disso, uma invariância nas diferentes transformações efetuadas. O desenvolvimento dos processos de elaboração na produção criativa e os campos e estados mentais nela envolvidos são acentuados nesta nova edição, surgindo como resultantes naturais da

ampliação da experiência do autor, na última década, na clínica, no estudo e no ensino da psicanálise. Além disso, foram anos muito frutíferos para o Claudio Castelo pintor, com reconhecimento internacional importante e com exposições em diferentes galerias nas grandes capitais da arte mundial. Essa dupla inserção e esse duplo amadurecimento de suas capacidades na apreensão estética na psicanálise e na arte fazem desta nova edição um novo livro. Apesar da densidade de suas observações, inerentes ao tema abordado, a leitura do livro é sumamente agradável e proporciona uma fruição estética análoga à vivenciada diante das boas obras de arte. O estudo, a leitura e o ensino da obra de Bion são compartilhados pelo autor de uma forma generosa, denotando um processo de elaboração criativa do pensamento “bioniano” na mente privilegiada de Claudio. Essa mesma elaboração e criatividade aparecem no uso dos diferentes materiais clínicos que surgem, no texto, como sonhos/associações livres à medida que as ideias são expostas. Sabemos que a dimensão estética tem um lugar destacado na intuição clínica, teórica e escrita de Bion. Essa dimensão se faz presente novamente neste “novo” livro de Claudio.

Em diferentes conferências e seminários, Bion disse que, devido às limitações da linguagem humana, um psicanalista teria muito mais qualidade em sua capacidade comunicativa se pudesse musicar, esculpir ou pintar aquilo que teria a dizer. Pena que à grande maioria de nós, psicanalistas, não foi concedido nenhum desses dons. Por isso, devemos receber com alegria a possibilidade de sermos testemunhas presenciais de alguém que possui tal capacidade, que faz da sua escrita uma pintura, ao lermos, com deleite, o livro que Claudio Castelo “expõe”. Como seu leitor habitual e amigo, sei que posso estar sujeito a certa suspeição em meu entusiasmo nada disfarçado. Sei também que seus inúmeros leitores e apreciadores de seu pensamento não considerarão excessiva minha admiração.

Aos demais, especialmente aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de ler o livro em sua 1ª edição, só lhes resta um caminho, por certo bem prazeroso, para dirimir essa dúvida.

Boa leitura a todos!

Dr. Renato Trachtenberg

*Médico psiquiatra e psicanalista;
membro fundador e titular em função didática da
SBPdePA (Porto Alegre),
membro titular da APdeBA (Buenos Aires) e
membro fundador e pleno do CEPdePA (Porto Alegre)*

1. Introdução

Este trabalho diz respeito ao relacionamento entre o grupo e seus membros, mais especificamente, às peculiaridades que caracterizam certos indivíduos que dele fazem parte. A riqueza de um grupo se deve àquilo que cada membro pode acrescentar e enriquecer de acordo com o que lhe é característico e único. Enquanto os grupos anseiam por um enriquecimento dessa natureza, também se comportam, paradoxalmente, na direção de anular e até mesmo aniquilar tudo o que possa ser diferente, procurando a homogeneização. Isso se torna ainda mais crítico ou conflitante quando o membro do grupo é excepcionalmente dotado.

Destaco nesta obra as relações que se estabelecem entre indivíduos criativos, percebidos seja como gênios, seja como místicos, *e os grupos de que são membros*. Como permanecer sendo o que se é no grupo? Discuto a questão da continência das ideias geniais no indivíduo excepcional (gênio/místico), da continência do gênio e das ideias que ele veicula no grupo em que se insere, da continência do indivíduo genial relativa ao posicionamento do grupo a

partir daquilo que publica. Relaciono essa questão ao problema da criatividade.¹

Todo o embasamento teórico e metodológico será feito pela psicanálise, em especial pelo pensamento de Sigmund Freud, de Melanie Klein e, mais especificamente, pelos aportes trazidos a esse ramo de investigação científica feitos por Wilfred R. Bion. Outras abordagens desse tema, feitas por inúmeros autores renomados, existem certamente. Entre eles, encontram-se nomes como os de André Green, Hannah Segal e Ernst Kris, para citar apenas alguns ilustres pensadores. A metodologia de pesquisa que escolho, todavia, baseia-se sobremaneira no desenvolvimento do pensamento psicanalítico (tanto de Freud quanto de Klein) feito por Bion. Este autor não só abordou e desenvolveu os pensamentos desses baluartes da psicanálise, como também acrescentou sua visão muito peculiar, o que, a meu ver, provocou uma verdadeira revolução e expansão no pensamento psicanalítico. É um esforço para salientar a contribuição específica dessa linha de pensamento e das evoluções que realizei, sem pretensão de referir-me a todos os demais enfoques existentes sobre esses fenômenos, pois acabaria produzindo um imenso (possivelmente infinito) compêndio em meio ao qual as contribuições específi-

1 De certa maneira, esta obra pode ser usada como resposta a uma demanda feita por Thomas Kuhn no posfácio (1969) de *A estrutura das revoluções científicas* em que diz: “[...] terminarei sublinhando a necessidade de um estudo similar [...] das comunidades correspondentes em outras áreas. Como se escolhe uma comunidade determinada e como se é aceito por ela, trate-se ou não de um grupo científico? Qual é o processo e quais são as etapas da socialização de um grupo? Quais são os objetivos coletivos de um grupo; que desvios, individuais ou coletivos, ele tolera? Como é controlada a aberração admissível? Uma compreensão mais ampla da ciência dependerá igualmente de outras espécies de questões, mas não existe outra área que necessite de tanto trabalho como essa [...]”. Essas questões são abordadas por Bion através dos conceitos de narcisismo e social-ismo, conforme veremos adiante.

cas que pretendo salientar e desenvolver, certamente, passariam despercebidas.

Contribuições pessoais provindas de minha experiência clínica, de pesquisador, professor, supervisor de atendimentos psicanalíticos individuais e em instituições, além de minha atividade como artista plástico (pintor e desenhista), também são trazidas.

Poderíamos indagar o que teria a psicanálise com prática clínica em atendimentos individuais, baseando-se em tais autores, a contribuir com o tema na área de Psicologia Social. Para responder a essa questão, espero contar com a paciência e boa vontade do leitor para que perceba meu propósito, principalmente porque terei de me deter em alguns conceitos psicanalíticos desenvolvidos a partir da prática clínica em psicanálise (de atendimentos individuais). Freud, contudo, já alertava que conhecer a psicologia individual era conhecer a psicologia social. Na introdução de *Psicologia das massas* (FREUD, 1921), ele escreve:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou coletiva, que à primeira vista pode parecer muito profunda, perde grande parte de seu significado quando a submetemos a um exame mais demorado [...]. Na vida anímica individual aparece integrado sempre, efetivamente, “o outro”, como modelo, objeto, colaborador ou adversário e, desse modo, a psicologia individual é, ao mesmo tempo e por princípio, psicologia social em sentido amplo, mas plenamente justificado.

Em *A questão da análise leiga*, Freud diz sobre a psicanálise:

Como “psicologia profunda”, uma teoria do inconsciente mental, pode tornar-se indispensável para todas as ciências que se ocupam da evolução humana e suas instituições mais importantes tais como a arte, a religião e a ordem social. Ela já permitiu a essas ciências, em minha opinião, considerável auxílio na solução de seus problemas. Mas são apenas pequenas contribuições comparadas com aquilo que pode ser alcançado se historiadores da civilização, psicólogos da religião, filólogos e assim por diante concordassem em manejar o novo instrumento de pesquisa que está a serviço deles (FREUD, S., 1926, SE 20, p. 248).

Meu interesse, neste livro, está focado na maneira pela qual características específicas de um indivíduo pertencente a determinado grupo, ou mesmo em relação à totalidade do grupo de que faz parte, podem mobilizar significativas repercussões nesse conjunto e as dinâmicas sociais que podem se verificar.²

Valho-me, como analogia, de uma referência de Norbert Elias em seu livro *A sociedade de corte*,³ em que o autor busca eliminar a clivagem que havia entre a História e a Sociologia. Até a época em que Elias escreveu sua tese, a História era concebida como um suceder de relatos de realizações de indivíduos por pessoas isoladas de seu contexto, principalmente por governantes, tais como reis ou príncipes. O suceder dos eventos era relacionado unicamente às consequências

2 Possivelmente, André Green classificaria este trabalho como uma “abordagem psicanalítica das obras de arte e das produções culturais”, pois não se trata propriamente de psicanálise, a qual, só ocorre, efetivamente, nos consultórios (GREEN, 2002, p. 307).

3 ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

das realizações desses indivíduos, desconsiderando o contexto social em que tinham lugar. Todavia, a Sociologia parecia ser um emaranhado de leis sociais em que os indivíduos, os seres humanos que faziam parte dos grupos sociais em questão, pareciam ser apenas títeres das leis sociais (como se as sociedades às quais pertenciam não fossem, efetivamente, constituídas por esses indivíduos de carne e osso). Norbert Elias propõe o conceito de figuração⁴ para articular a História e a Sociologia. Uma figuração específica surgiria ou ganharia destaque em função do contexto social e das demandas de um grupo. A partir desse conceito, uma figuração como rei pode ser algo que dure muito mais tempo que indivíduos singulares; entretanto, Elias faz referência à necessidade de se verificar como indivíduos singulares investiram, com suas características próprias, essas figurações. Veremos como Luís XIV, na corte de Versalhes, usou da figuração que lhe foi atribuída e reformulou-a, a seu modo, e como o grupo lhe outorgou tal posição. A figuração de rei já existia antes de Luís XIV. Havia uma evolução social (com o mercantilismo, a centralização do Estado, o empobrecimento da nobreza, a perda de sua efetiva função militar e de governo e a ascensão econômica da burguesia). O autor chama a atenção para como um indivíduo específico, que reconhece – às vezes, sim, mas nem sempre – a situação social do grupo em que estava inserido, do qual também é membro, e a figuração que lhe foi atribuída, pode, com sua personalidade e ações individuais, reformular a própria figuração e a situação do grupo. Esse indivíduo, todavia, não age clivado do grupo, como poderemos ver adiante (quando tratto do conceito de identificação projetiva). Luís XIV, segundo Elias,

4 Tenho ciência de que outras denominações para essa situação existem em psicologia social. Vou ater-me aos conceitos psicanalíticos dos autores nos quais me baseio e, neste caso mais específico, àquele proposto pelo sociólogo Norbert Elias. Meu propósito é salientar as contribuições e acréscimos feitos por essas correntes de pensamento (particularmente com Bion) e aquilo que pude expandir a partir delas.

não foi um gênio ou um místico, tal como aqueles sobre os quais farei, mas teve tino e sagacidade suficientes para se valer das condições e do contato com mentes privilegiadas que sua época lhe propiciou, imprimindo sua marca indelével na figuração, no grupo e na história.

Um dos conceitos psicanalíticos que norteará este trabalho será o de identificação projetiva, tal como proposto por Melanie Klein em seu artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946). Expandindo-o, está o decisivo desenvolvimento dos conceitos de continente (♀) e contido (♂) propostos por Bion⁵ e a oscilação das posições esquizoparanoide e depressiva (também conforme Klein, mas de acordo com a evolução deste pensamento alcançada por Bion com sua teoria sobre o pensar). Os conceitos de *narcisismo* e *social-ismo* também serão fundamentais e serão desenvolvidos no capítulo 2. Nesse ponto, por enquanto, considero que podemos prosseguir sem a explicitação deles, com exceção dos conceitos de narcisismo e social-ismo, sobre os quais farei uma primeira introdução ao dizer que se trata, de modo bastante simplificado, do conflito existente entre um indivíduo e o grupo no qual está inserido e é membro. Como permanecer sendo quem se é em meio ao grupo? Como manter a própria individualidade em meio ao coletivo? Preservar os interesses pessoais em detrimento do coletivo ou preservar os interesses grupais em detrimento das próprias necessidades (tal como em uma guerra, na qual um membro da coletividade põe em risco a própria existência para a preservação do grupo ou dos ideais deste)? Viver as próprias convicções a despeito das expectativas e possíveis punições grupais caso não se corresponda àquilo que é determinado e esperado (situação mais visível nas questões das minorias⁶)?

5 BION, W. R. 1962, 1963, 1965, 1970.

6 O desenvolvimento da capacidade de tolerar frustração e o sentimento de solidão é uma questão fundamental para o desenvolvimento da autonomia do in-

Há alguns anos, ouvi no Auditório Lucy Koch, da Sociedade de Psicanálise de São Paulo, uma conferência da escritora Lygia Fagundes Telles. Segundo minha lembrança, a escritora comentava o que lhe acontecia quando estava no processo de escrita de um livro. Relatava que não criava os personagens; eles surgiam e a ela se impunham. Adquiriam existência própria e passavam a dialogar com a escritora. Estabelecia-se uma intensa atividade em sua mente, fora de seu controle. Os personagens ficavam a conversar com Lygia e decidiam eles próprios qual seria seu destino.

Lygia dizia que, se alguém percebesse o que acontecia na sua cabeça, certamente a internaria em algum hospício. Todavia, continuava a ir ao banco, à feira, ao supermercado. Enquanto realizava essas atividades triviais, o movimento permanecia na sua mente. Descrevia vivências muito próximas a estados alucinatorios ou delirantes, que todavia não a levavam a perder a cabeça.⁷

divíduo e de suas verdadeiras potencialidades. Também é o que permite fazer escolhas e experimentar o amor real e ser amado por aquilo que realmente é.

7 No capítulo “Dream and Poetry”, do livro *The Theatre of the Dream*, de Salomon Resnik (1987), encontrei as seguintes passagens que se aproximam muito do que ora desenvolvo. Primeiramente, uma citação que faz de Wilhelm Dilthey: “[...] Os Antigos já tinham observado o *parentesco* entre a imaginação do poeta e sonhos, alucinações e visões [...] Demócrito disse que não se poderia conceber um grande poeta que não fosse possuído por certo delírio divino. Platão declarou que jamais seria possível que a produção da inteligência artística comum pudesse se igualar àquela da divina loucura [...] Horácio chamou o entusiasmo poético de uma ‘*amabilis insania*’ [...] Schiller fala de ‘delírio temporário’ como algo a ser encontrado em criadores originais [...] Do grande Pinel, França não tem sido por um longo período de tempo o centro da ciência, mas também de fantasias psiquiátricas que podem muito bem ser comparadas às fantasias de ‘nossos filósofos da natureza’”. (Grifo do autor) Adiante, o autor continua: “A capacidade de sonhar ‘com os olhos abertos’ e a dimensão metafórica da realidade personifica e integra a ‘dimensão onírica da vida cotidiana’. A fantasia criativa participa do encontro com a natureza e com o mundo do outro. O que caracteriza o encontro é a *intencionalidade* da men-

Esse episódio estimulou-me a fazer algumas reflexões sobre o processo criativo de escritores, pintores, dramaturgos, cientistas etc. e a relação com o contexto social do qual são parte.

Wilfred Bion propõe (o que trabalharei no desenrolar do livro) que o aparelho para pensar se desenvolve para dar conta dos pensamentos que precisam ser pensados, os pensamentos precedendo, desta forma, o aparelho para pensar. A mente se desenvolveria justamente para lidar com os pensamentos. Os pensamentos não precisariam de um autor, ao passo que as mentiras, sim,⁸ como discutiremos adiante.

sagem, ou seja, o desejo de descobrir e descobrir-se, de encontrar o significado da existência, de experimentar a sensação de ser profundamente atingido por algo que alguém acabou de criar, ou simplesmente descobrir, algo que já existia, mas que nunca havia sido percebido antes, ou que nunca tivéssemos nos deparado. Dizer ‘estou surpreso, chocado, [...] nunca vi, senti, ou percebi antes [...]’ é tornar evidente o autoevidente, desvelar a presença de um mundo que já existia antes, mas que acabou de ser revelado aos nossos sentidos. Pode-se vincular esse fenômeno a um tipo de seletividade perceptível que tem ao mesmo tempo um caráter pessoal e cultural. [...] *Toda experiência fora do comum, o que quer que seja extraordinário nos assombra ou nos aterroriza. [...] A experiência da descoberta é um modo de desmascarar o desconhecido, de iluminar as trevas: uma experiência que expressa através da sensação de assombro [...] O maravilhoso e o sinistro são dois aspectos da mesma complexa realidade: é apenas através da presença de um que se percebe o outro [...] Cada descoberta está investida com risco e perigo. O ato de penetrar o desconhecido tem um sentido transgressivo*” (Grifos do original).

- 8 Em *Attention and Interpretation* (BION, 1970, p. 100), o autor escreve: “Os únicos pensamentos para os quais um pensador é absolutamente essencial são as mentiras. A assunção tácita de Descartes de que pensamentos pressupõem um pensador é válida apenas para a mentira”. Nessa concepção, os “autores” que nomeio, como Bion, Freud, Proust etc., não são os autores das ideias. Podem ser “autores” dos livros nos quais comunicam as ideias que apreenderam (mas não as inventaram). Divulgam os pensamentos que captam, mas não os “autores” dos pensamentos propriamente. Ao que captam e transmitem, ao realizarem suas obras, contudo, modulam conforme suas personalidades e seus talentos para transmitirem da forma mais vívida e eficaz para que o leitor, expectador, público, alcance e compartilhe aquilo que lhes foi “revelado” (*lan-*

Em uma entrevista concedida em 1977, o dramaturgo e ator americano Sam Shepard definiu seus personagens como *vozes* que se manifestam no inconsciente, *estenografadas* pelo autor (cf. artigo de Mariangela Alves de Lima, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 11 de dezembro de 2001).

Em “Colóquio com os personagens”, conto de Pirandello publicado no livro *Kaos*, o autor inicia o texto contando ter fixado na porta de seu gabinete um aviso com os seguintes dizeres:

Suspensas, a partir de hoje, as audiências a todos os personagens, homens e mulheres, de qualquer classe social, de qualquer idade, de qualquer profissão, que fizeram o pedido e apresentaram qualificações para serem admitidos em algum romance ou conto.

N.B. Pedidos e qualificações estão à disposição dos senhores personagens que, não tendo vergonha de expor, num momento como este, a miséria de seus casos particulares, terão a bondade de se dirigirem a outros escritores, caso os encontrem.

Apesar do aviso, logo na manhã seguinte, o autor depara com um personagem atrevido, sentado em seu gabinete, que se lhe impõe. O personagem, em um determinado ponto, em meio aos inúteis esforços do autor para se livrar dele, avisa: “Quer fazer-me saltar pela janela? Não irei machucar-me; e entrarei novamente em seu gabinete pela outra”.

guage of achievement, ou linguagem de êxito, ou de consecução, ou de alcance, de acordo com traduções propostas, conforme um pressuposto de Bion em *Attention and Interpretation*).

Quando desiste de enxotar seus personagens, o autor se dá conta – deixando isso implícito no evoluir da escrita – de que eles surgem para ajudá-lo a elaborar uma penosa situação que estava vivendo: a partida de seu filho para o *front* na Primeira Guerra Mundial.

A poeta Adélia Prado afirma, durante uma conferência, que, se um escritor é maior que sua obra, esta não vale grande coisa. Carlos Drummond de Andrade seria uma “titiquinha” perto de sua obra. Aqui, parece haver uma indicação de Adélia de que um verdadeiro escritor não passaria de uma espécie de antena receptora, capaz de capturar os pensamentos que estariam disponíveis, procurando alguém para pensá-los e transmiti-los, na mesma linha sugerida por Bion. Não estou, absolutamente, referindo-me a qualquer fenômeno sobrenatural, mas à capacidade de uma pessoa de usar a observação e a intuição para capturar os pensamentos e propagá-los, tornando-os públicos. De acordo com Bion, os pensamentos só poderiam ser pensados havendo tolerância à frustração, ou seja, existindo a possibilidade de considerar a experiência efetivamente vivida e não aquela que se desejaria viver.

O método para alcançar tal feito, de acordo com Bion, seria a disciplina de afastar memórias e desejos, de modo que a mente pudesse estar aberta e fosse continente para os pensamentos. Corresponde a uma condição mental semelhante à descrita no livro *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*,⁹ ou ao ensinamento de Charcot para Freud, através do qual o primeiro sugeriu ao segundo que observasse, observasse, até que o que estivesse sendo observado dissesse do que se tratava. O verdadeiro artista não teria a pretensão de criar ou inventar alguma coisa. Ele se permitiria observar e se deixar penetrar por aquilo que precisaria ser

9 HERRIGEL, E. (original alemão de 1975).

intuído, aproximando-se da vivência descrita por Lygia Fagundes Telles. A grandeza e perenidade de uma obra estariam relacionadas ao quanto de verdade o escritor ou artista teria sido capaz de alcançar e transmitir. Essa verdade não seria algo que ele criaria, mas algo capaz de intuir e comunicar de modo eficaz, coincidindo com o que, na psicanálise atual, se chamaria de linguagem de êxito (BION, 1984).

Os estados de mente a serem considerados se aproximariam de situações de natureza psicótica; tais estados, alucinados e delirantes, não comprometeriam, no entanto, a preservação da consciência (visão binocular).¹⁰

No estado criativo, a capacidade de intuir e alucinar estaria a serviço da configuração adequada e da comunicação eficaz daquilo que fosse intuído; ao passo que, num surto psicótico, por exemplo, a alucinação promoveria uma não apreensão da realidade, uma evasão do contato com ela.¹¹

Nesse contexto, poder-se-iam considerar questões referentes ao narcisismo e ao social-ismo (conceitos de Bion) e aos conflitos que se podem estabelecer entre o grupo e aqueles de seus membros que se dispõem a ter contato com o que seria real,¹²

10 Ver BION, 1967, p. 109.

11 Conforme o que desenvolvi em minha dissertação de mestrado *Transformações em alucinação na experiência clínica em psicanálise* (PUC – SP, 2001) e em diversos outros artigos publicados.

12 “Onde mora a verdade do homem? A verdade não é aquilo que se demonstra. Se neste terreno, e não em um outro, as laranjeiras desenvolvem sólidas raízes e se carregam de frutos, este terreno é a verdade das laranjeiras. Se esta religião, se esta cultura, se esta escala de valores, se esta forma de atividade, e não outras tais, favorecem no homem essa plenitude, libertam nele um grão-senhor que ele ignorava, é que esta escala de valores, esta cultura, esta forma de atividade são a verdade do homem. A lógica? Que ela se vire para dar conta da vida.”

equivalendo a experiências descritas por místicos que entrariam em relação direta com evoluções do que seria a realidade última¹³ (comumente chamada por místicos de Deus ou divindade, e que Bion chamou de “O”). Bion diz que o grupo se organiza para possibilitar o aparecimento de um gênio¹⁴ (que, para ele, equivale ao

SAINT-EXUPÉRY, A. *Terre des hommes*, p. 159. Tradução livre minha.

- 13 Einstein afirmou de modo bastante eloquente em 1931 que: “A crença em um mundo externo independente do sujeito que o percebe é a base de todas as ciências naturais” (apud MILLER, 1996, p. 122).
- 14 Ernst Kris, em *Psicoanálise del Arte y del Artista*, escreve a propósito da inspiração: “Uma ação ou influência especial imediata do espírito de Deus ou de algum ser divino e sobrenatural [...] se apodera de uma pessoa. Esta se converte em instrumento da divindade, e suas obras estão ‘inspiradas’ do mesmo modo que os livros da Bíblia, que se acredita terem sido escritos sob a influência divina e que conservarão um lugar especial na essência religiosa do homem. Dessa concepção [...] chamarei ‘o significado metafórico pleno da inspiração’, que se baseia na substituição imediata da respiração pela influência espiritual, derivam todos os significados figurativos da palavra”. A diferença, no que tange à concepção de Kris, daquela que contemplo neste trabalho em relação a estados inspirados é que para ele, do vértice científico que adota, constituem-se manifestações do inconsciente, e na concepção que formularei estão associados a vivências de fatos selecionados (ver adiante) que levam a um *insight*. Essas vivências, decorrentes da operação que Bion chamou de função alfa, é que constituem a separação entre consciente e inconsciente. O desenvolvimento dessas ideias aparecerá no decorrer do trabalho. O conceito de gênio também tem uma origem similar. De acordo com a *Encyclopaedia Britannica* (1958), seu significado mais remoto, queria dizer o *genius* do patrono da casa e da mãe da casa (Juno) que eram venerados. Não eram as almas de um casal casado ou de qualquer membro morto de uma família, mas eram as formas masculina e feminina do poder do clã ou da família que tinham o poder de se perpetuarem através da reprodução e que se mantinham nos chefes das famílias ou clãs e eram transmitidos a seus sucessores. O *genius* frequentemente era representado por uma cobra ou por um jovem fazendo um sacrifício. Com o crescimento do individualismo e com a prevalência das ideias gregas que concernem um guardião do espírito ou *daimon*, o *genius* perdeu seu significado original e tornou-se um tipo de personificação dos desejos naturais e apetites de um indivíduo. Todavia, o significado continuou mudando. O *genius* tornou-se um tipo de anjo da guarda, um *self* mais elevado. Também foi concebido como o

místico/messias, capaz de ter acesso direto a evoluções de “O”¹⁵) que possa trazer progresso ao grupo. Ao mesmo tempo, o grupo teme que o novo que possa ser alcançado e transmitido pelo gênio venha a colocá-lo diante do desconhecido, arrebatando com a ilusão de segurança proporcionada pelo conhecimento estabelecido e pela ordem social. Podemos ter em vista os fenômenos que se deram com Sócrates, Cristo, Galileu, Darwin e Freud. O grupo anseia por algo real e disso necessita: que alguém se disponha a entrar em contato com o desconhecido e possa trazer evolução, progresso. Ao mesmo tempo, teme profundamente o que isso pode trazer de “des-ordem” em relação ao estabelecido. Embora haja no grupo um anseio pelo novo, as reações mobili-

temperamento ou caráter do indivíduo. Na concepção grega, o *genius* era um espírito guardião de um indivíduo. A concepção mais moderna (em inglês) originou-se a partir de *As mil e uma noites* como equivalendo a seres antropoides sobrenaturais, criados de um fogo súbito. Costumeiramente, o termo passou a designar habilidades criativas em um altíssimo grau. O livro *Hereditary Genius*, de Sir Francis Galton, apareceu em 1869, apresentando as primeiras evidências estatísticas de que gênios, que são medidos por realizarem feitos extraordinários, tendem a ocorrer nas mesmas famílias (herança). Desde então, verificou-se que questões de educação e condições sociais eram significativas para o aparecimento de pessoas destacadas. Contudo, permanece como consenso a ideia de que o gênio, como alguém capaz de algo extraordinário, é inato. A possibilidade de usufruto e desenvolvimento dessas habilidades depende, em alguma extensão, de oportunidades e treinamento que o indivíduo em questão possa encontrar. Ainda de acordo com a *Britannica*, o gênio é mais do que talento, envolve criatividade, originalidade e a habilidade para pensar e trabalhar em áreas não previamente exploradas e, conseqüentemente, proporcionar para a posteridade algo de valor que sem ele a humanidade não teria alcançado nem tomado posse. L. M. Terman cunhou o termo *gênio potencial* para crianças cuja performance indicada através de testes padronizados de inteligência é de um nível não alcançado por mais do que uma criança em duzentas da população em geral. Esse parâmetro, contudo, logo foi criticado por L. S. Hollingworth, que o considerou o padrão estabelecido por Terman uma garantia muito baixa para uma designação tão extrema.

15 Ver adiante, no capítulo sobre os conceitos, uma melhor exposição desta ideia.

zadas por esse novo, se ele for genuíno,¹⁶ costumam ser de temor e hostilidade.

Observa-se a ambiguidade do grupo para com seus membros criativos, sejam artistas, sejam cientistas, manifestada por uma atitude de reverência distante, ou de rechaço odioso. O artista que desconcerta, ou o cientista que desorganiza crenças e sistemas, para ser enquadrado, deixando de produzir mais perturbação nos espíritos ou na ordem estabelecida, pode ser crucificado; ou então, para se acomodar, é institucionalizado, coberto de honrarias e cargos. Torna-se uma espécie de monumento vivo, é enterrado em plena vida, passando a não mais incomodar. Ou, ainda, enterram-se o artista e sua obra em vida, para glorificá-lo depois de morto, de modo que a turbulência promovida por sua obra possa ser contida ou fossilizada.

Bion, em *Attention and Interpretation* (1970), propõe três tipos de vínculos que se podem estabelecer entre o gênio/místico e o grupo: o comensal, o simbiótico e o parasitário; tais características de vínculo levam a crescimento, estagnação ou implosão e destruição para ambas as partes.

Na página 95, vemos:

Por comensal quero dizer uma relação na qual dois objetos compartilham um terceiro com benefícios para os três. Por simbiótico eu entendo uma relação na qual um depende do outro com benefício mútuo. Por para-

16 Faço aqui a distinção entre o genuinamente novo e aquilo que se pretende uma novidade. É muito diversa a condição daquilo que realmente é daquilo que pretende ser. O que se pretende novidade é um embuste, ou seja, é produzido para ter a aparência de algo novo; mas trata-se, efetivamente, de uma jogada de “marketing” (produzido ou não deliberadamente).

sitário pretendo representar uma relação na qual um depende do outro para produzir um terceiro, destrutivo para os três.

Na página 104 do mesmo livro, Bion acrescenta: “O vínculo entre uma mente e outra que leva à destruição de ambas é a mentira”. Mais adiante:

O grau de falsidade depende de o relacionamento com O ser comensal, simbiótico ou parasitário [...]

Na simbiose, o pensamento e o pensador correspondem-se e modificam um ao outro através da correspondência. O pensamento prolifera e o pensador se desenvolve. Em um relacionamento parasitário entre pensamento e pensador há uma correspondência, mas a correspondência é categoria 2, significando que a formulação é conhecidamente falsa mas é mantida como uma barreira contra a verdade, a qual é temida como sendo aniquiladora para o continente ou vice-versa. A falsidade prolifera até que se torne uma mentira. A barreira da mentira aumenta a necessidade por verdade e vice-versa.

A posição comensal muda quando o pensamento e o pensador se aproximam. Em termos mais usuais, uma situação crítica surge quando uma “descoberta” ameaça. É frequentemente dito que as esperanças messiânicas estavam ativas de modo mais do que usual quando do nascimento de Jesus e é digno de nota que mais de um investigador frequentemente parece estar se aproximando de uma descoberta na época que a descoberta é feita.

A resistência do pensador ao pensamento não pensado é característica do pensar da categoria 2. O problema crucial parece ser a relativa força da ideia messiânica e da personalidade que está para “contê-la”. (p. 116.)

A categoria 2 refere-se a uma formulação, a qual, mesmo que aparentemente científica, tem como função impedir o surgimento da verdade.¹⁷ Em última instância, Bion considera que toda e qualquer teoria científica é sempre pertencente à coluna 2, ou seja, é algo falso, visto que a realidade última, a coisa em si, é inalcançável e, por conseguinte, o que se propõe como esclarecimento em ciência é sempre uma aproximação mais ou menos distorcida da realidade. A postura efetivamente científica reconheceria sempre o caráter precário e transitório de suas proposições. A categoria 2 (ou coluna 2) torna-se um problema quando uma ideia, hipótese, teoria ou sistema dedutivo científicos são usados como se fossem A Verdade, com o intuito de impedir o surgimento de qualquer conhecimento que venha substituí-los ou que evidenciem suas contradições e inconsistências.

Na página 96, ainda sobre a relação comensal:

Comensal é ilustrado ao supor que o episódio ocorrido em uma época e em uma sociedade (tal como na Inglaterra elisabetana) em que a linguagem atingiu um pon-

17 Bion está se referindo à sua “Grade” (BION, 1963), sistema de notação científica no qual pretende, à maneira da tabela periódica da química, localizar os elementos de psicanálise e os níveis de desenvolvimento (ou ausência de) da capacidade de pensar. Para maiores esclarecimentos sobre a Grade, recomendo a leitura de seus livros *The Grid* e *Elements of Psycho-analysis* ou, ainda, meu artigo “A Grade de Bion”, publicado na *Revista Psychê*, mencionados nas Referências bibliográficas.

to de desenvolvimento no qual o homem comum estava inspirado para falá-la bem: aquilo que era para ser expresso e o veículo para sua expressão se beneficiaram da cultura à qual pertenciam. [Certamente, Bion se refere ao fabuloso período da cultura inglesa que teve Shakespeare como seu maior expoente.] (Tradução livre do autor)

É possível considerar igualmente as hipóteses de intensos sentimentos hostis que podem ser mobilizados no grupo (como inveja e rivalidade) pelo indivíduo que teria, como propõe Bion, a capacidade de entrar em contato direto, aparentemente sem intermediários, sem recorrer a raciocínios, com o que ele chamou de evoluções de “O” (ou realidade última), o equivalente de experiências místicas e que teria a capacidade de traduzir em palavras ou em linguagem acessível aos demais aquilo a que pôde ter acesso. Evoluções¹⁸ de “O” são captações intuitivas que revelariam algo da essência de um fenômeno, um vislumbre perceptivo acompanhado de uma intensa experiência emocional. O *talento* estaria relacionado à capacidade de transformar em linguagem – de modo a possibilitar ser compartilhado com os demais – a experiência e o *insight* vislumbrados pelo “criador”. O “criador” seria capaz de “amarrar”, organizando em um texto (ou em linguagem plástica, matemática ou musical), os elementos que percebe constantemente unidos, vislumbrados nas evoluções de “O” a que teria acesso. Em um documentário científico, ouvi uma citação atribuída a Albert Einstein: ele “pensava, pensava, pensava. Pensava 99 vezes e não via nada; não pensava nada e então via tudo!”

18 Este e outros conceitos serão apresentados detalhadamente adiante.

Sentimentos de ódio, inveja e perseguição, manifestos ou não, por parte dos demais membros do grupo que não teriam acesso às evoluções de “O”, a não ser intermediados pelo gênio (ou artista intuitivo ou místico) podem levar a ações hostis ou de aniquilamento em direção a este; ao mesmo tempo pode haver admiração por tal capacidade, propiciação de condições, anseio e esperança de que tais alcances possam ocorrer a outro, o que poderia levar a maior conhecimento e qualidade de vida para o grupo – tudo isso expressa a dicotomia e ambivalência que permeiam os vínculos que podem operar nessas relações. Temores por parte do gênio quanto a consequências pessoais a que possa ser submetido se publicar aquilo a que teve acesso constituiriam o outro lado da questão. Darwin, que tinha uma posição estabelecida na sociedade de seu tempo, relutou inúmeros anos antes de publicar sua teoria da evolução. Precipitou-se, todavia, quando desconfiou que outro jovem cientista pudesse estar se aproximando de seus *insights* e, temendo perder a paternidade da descoberta, publicou (já com idade avançada) seu livro que, como sabemos, provocou um grande tumulto. Ainda hoje, nos Estados Unidos, existem comunidades em que é proibido o ensino da Teoria de Darwin.

Um conhecido artista plástico¹⁹ narrou-me o seguinte episódio, que me autorizou a divulgar: um milionário de aproximadamente quarenta anos, filho de uma importante personalidade ligada a influentes instituições das artes plásticas, entusiasmou-se pela obra desse artista e, em rompante de euforia, decidiu que iria utilizar toda sua influência e a de seus pais para promover o trabalho do artista, que considerou genial. Começou a esboçar planos e tinha muitos meios para realizá-los. O artista se surpreendeu quando, no dia seguinte, recebeu um telefonema do referido milionário no

19 Solicitou que seu nome não fosse divulgado.

qual ele dizia ter mudado de ideia por considerar que um artista só podia ficar famoso depois de morto!

Essas situações revelam no indivíduo e no grupo os conflitos entre o que se nomeia como narcisismo ↔ social-ismo.

Em *A parte e o todo*, Heisenberg (apud BION, 1992, p. 60), o físico da mecânica quântica, responde ao ser arguido sobre a influência da física na situação geral:

Não: a influência da física tem sido simplesmente de modificar a potência do homem com o poder de usar a bomba atômica. Ela não tem aspecto político, mas avanços na física têm consequências políticas.

Ele complementa, para deixar mais claro o que tem em mente: “todo instrumento carrega em si o espírito através do qual foi criado”. Bion comenta, de acordo com sua teoria, a capacidade do homem de criar ferramentas, como uma armadura defensiva hipertrofiada do estegossauro que o levou à extinção. Questionado sobre qual seria o resultado do impacto de um ramo especial da ciência moderna (física) sobre diferentes tradições velhas e poderosas, Heisenberg propõe uma leitura alternativa a esta questão: “Qual será o impacto de velhas tradições poderosas sobre este ramo especial da ciência moderna?”.

A sina da teoria heliocêntrica proposta por Aristarco de Samos e confirmada por Arquimedes e Plutarco, que desapareceu durante 2 mil anos, apesar de poder ser verificada pela observação, tendo sido completamente deslocada por outra teoria e só reaparecendo em Copérnico, evidenciaria, segundo Bion (*Cogitations*, 1992, p. 154), que, mais do que em função da predominância de determi-

nadas escolas de pensamento, fantasias desempenham papel muito grande ao darem suporte a determinado ponto de vista científico, ou mesmo ao precipitarem seu vislumbre (ou a impossibilidade dele). A manutenção de sistemas ou sua revogação dependeria de duas vertentes: uma realista, tal como se pode ver na manutenção das leis newtonianas na física, mesmo após o comportamento do periélio de Mercúrio tê-las mostrado inadequadas, não havendo ainda surgido um Einstein para propor a Teoria da Relatividade para substituí-las; e outra, emocional, que se relaciona com as fantasias. Segundo Bion, “É notório que há a mais forte resistência à derrocada de um sistema científico estabelecido, mesmo quando este sistema foi, ele próprio, temido, odiado e rejeitado no seu começo” (*Cogitations*, p. 156).

Max Planck observou com tristeza, na sua *Scientific Autobiography* (apud KUHN, 1960), que “uma nova verdade científica não triunfa convencendo seus oponentes e fazendo com que vejam a luz, mas porque seus oponentes finalmente morreram e uma nova geração cresce familiarizada com ela”. Fenômenos similares podem ser observados no avanço do conhecimento psicanalítico em direção ao desconhecido e na observação de reações de natureza religiosa, na defesa de dogmas já estabelecidos em teorias que no seu surgimento foram, em si, promotoras de tumulto e reações violentas. Citemos, por exemplo, Freud e suas teorias, que passaram a ser vistos como ícone e dogmas (a ciência, propriamente, é morta quando isso ocorre); ou recordemos a reação a Melanie Klein e sua posterior entronização por grupos de kleinianos. Bion se esforçou para escrever de um modo tal que seus conceitos permanecessem abertos e não saturados, mas logo observou que grupos de seguidores procuravam transformá-lo em um messias enquanto grupos de detratores, perturbados pela abertura para o infinito e o desconhecido, procuravam denegri-lo ou, então, cumulá-lo de honras. Uma das maneiras de tentar aniquilá-lo, segundo biógrafos e contemporâneos, era apresentá-lo como monstro sagrado, inaces-

sível. Os potenciais pacientes que pensassem em procurá-lo eram desestimulados a fazê-lo sob o argumento de que jamais conseguiriam horário com ele, de tal forma no Olimpo se encontrava. Ao se dar conta desses movimentos, mudou-se para a Califórnia. Sua presença nesse estado americano e a revolução (na prática do trabalho, e não associada a qualquer tipo de militância política) que provocou na estagnada “médica” e religiosa psicanálise americana foi tal que resultou em processos judiciais.

Considero, talvez, que o que mais fomenta inveja e ódio é a percepção da integridade de uma pessoa para consigo mesma, o acesso que ela possa ter àquilo que lhe é próprio e ao proveito das qualidades psíquicas não sensoriais a que pode, desse modo, ter acesso. O usufruto desse tipo de riqueza é aquele que mais mobiliza inveja e ciúmes. Também é, de acordo com a observação e prática psicanalítica, aquilo que mais mobiliza admiração.

Na literatura, ocorre-me o que aconteceu com Proust que teve de pagar para publicar os primeiros volumes de sua *À la Recherche du Temps Perdu*, pois os editores que encontrou, incluindo Gide (que se retratou posteriormente), consideraram seu trabalho obra de um *dandy* esnobe, fútil e oco. Proust se ressentia de suas amigas e inspiradoras de suas personagens, como a Condessa de Cheigné, uma das fontes para a Duquesa de Guermantes, que achava o livro chatíssimo e algo completamente entediante, e jamais se disporia a lê-lo. Solicitado por Proust, Jean Cocteau selecionou passagens da *Recherche* para mostrar à Condessa, as quais se relacionavam diretamente a eventos que ela teria inspirado. A Senhora de Cheigné reagiu com desdém e horror, não querendo saber de nada. Consolando Proust, desolado pelo desprezo de sua conhecida, Cocteau teria dito ao escritor que não era natural se esperar que uma formiga entendesse de tratados de etologia sobre formigueiros ou por eles se interessasse.

Qual é, então, a questão levantada? Em última instância, é como um indivíduo permanecer no grupo, estar no grupo, permanecendo o que é, sendo ele mesmo. Estar no grupo sem perder a individualidade. Para dar um exemplo do que tenho em mente, ocorre-me uma situação que se desenrolou na cidade de Los Angeles, Estados Unidos, há alguns anos. Logo após o início da epidemia da AIDS, uma gangue de moças, muito famosa, dessa cidade, estabeleceu como critério de ingresso que, além das surras e humilhações a que se costumava submeter nos rituais de iniciação, a candidata deveria ter relações sexuais com um soropositivo, desprovida de qualquer proteção, como prova de valentia.

Nessa circunstância, poderíamos ver, de acordo com o vértice proposto por Bion, que o *narcisismo* (que poderia ser verificado no desejo de ser importante) não coincide com o amor pelo e do *self* e que o *social-ismo* (representado pela ânsia de agradar e atender às expectativas do grupo em detrimento da própria existência) não corresponde a amor pelo ou do grupo. A ânsia de ser importante destrói o indivíduo e o grupo. A garota quer ser importante, mas sua própria pessoa real não tem importância para ela mesma. O acatamento da expectativa e submissão ao grupo levará à sua destruição. Está tudo investido em um narcisismo destrutivo e, ao mesmo tempo, investido e fragmentado social-isticamente em todos os elementos do grupo. O vínculo estabelecido entre o indivíduo e o grupo (e vice-versa) é parasitário. O resultado é a psicose.²⁰

20 Um artigo publicado no caderno Folha Ilustrada do jornal *Folha de S.Paulo*, de 15 de fevereiro de 2003, p. 15, analisa o documentário “The Gift”, sobre “barebacking”, ou seja, sexo sem proteção, apresentado no Festival de Cinema de Berlim, que narra, entre outras, a história do jovem Kenny. Kenny afirma haver procurado se contaminar com o vírus HIV porque vivia em São Francisco, Califórnia, onde os portadores desse vírus são muito organizados e, conseqüentemente, segundo o jovem, aqueles que não são HIV positivos ficam muito isolados. Kenny se contaminou, deliberadamente, em várias festas “barebacking”

No que tange à situação dos escritores, pintores, cientistas em geral, o problema pode se revelar similar. O grupo pode ansiar pelo surgimento de uma pessoa criativa que lhe proporcione progresso. Teme, por outro lado, que a inovação surgida possa provocar uma ruptura no *establishment* e uma des-ordem. Como já mencionei anteriormente, um dos modos para anular ou esvaziar o caráter revolucionário (significando um *insight* profundo que não permite que as coisas possam mais ser vistas como eram antes) consiste em assimilar o autor ao *establishment*, cumulando-o de honrarias e cargos burocráticos, de modo a torná-lo inócuo ou mumificado. Outra maneira seria crucificá-lo em vida para, em seguida à sua morte, apropriar-se de suas ideias e incorporá-las ao *establishment*, esvaziando o seu sentido perturbador da ordem. Como diria o personagem de Tomasi di Lampedusa, o Príncipe de Salina, no romance *O leopardo*: “Tudo precisa mudar para que tudo fique como está”, referindo-se às estratégias que sua classe social deveria adotar para permanecer no poder (assimilando o elemento novo, a burguesia endinheirada e emergente, referindo-se em um episódio, entre outros, ao casamento de seu sobrinho Tancredi, um príncipe arruinado, com Angelica, filha de um milionário e grosseirão novo rico, nos meados do século XIX).

Galileu e Copérnico ou ainda Colombo não eram revolucionários no sentido militante, não são figuras engajadas politicamente. A reviravolta que surge com eles se deve a um profundo *insight*, que lança por terra o que se considerava conhecido, revelando a imensidão do desconhecido e a mesquinhez e insignificância da humanidade diante de sua pretensão e desejo de importância, o que nos tira do centro do universo (delírio de grandeza e de autorreferência narcísico, correspondente a situações mentais dos primórdios da infância) e denuncia nossa pequenez diante da vas-

realizadas com essa finalidade, tendo como objetivo pertencer a um grupo.

tidão cósmica. Colombo tirou-nos o chão de baixo de nossos pés ao revelar que a tão conhecida Terra, aquela sobre a qual pisamos, era igualmente uma incógnita, não só por haver continentes desconhecidos, mas por ser esférica e não plana.²¹ Pode-se conceber

-
- 21 Em *As estruturas das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn, lemos à p. 189: “Consideremos, por exemplo, aqueles que chamaram Copérnico de louco porque ele proclamou que a Terra se movia. Não estavam, nem pouco, nem completamente errados. Parte do que entendiam pela expressão ‘Terra’ referia-se a uma posição fixa. Pelo menos, tal terra não podia mover-se. Do mesmo modo, a inovação de Copérnico não consistiu simplesmente em movimentar a Terra. Era antes uma maneira completamente nova de encarar os problemas da Física e da Astronomia, que necessariamente modificava o sentido das expressões ‘Terra’ e ‘movimento’. Sem tais modificações, o conceito de Terra em movimento era uma loucura. Por outro lado, feitas e entendidas essas modificações, tanto Descartes como Huyghens puderam compreender que a questão do movimento da Terra não possuía conteúdo científico”. Nesse sentido, verificamos que a revolução ocorre na própria maneira de se perceber a realidade e modifica os significados das próprias palavras. Um aspecto, a meu ver, não considerado por Kuhn, é a angústia desencadeada por tal situação e o horror vivido por não existirem parâmetros definitivos e certos. Kuhn considera que a teoria heliocêntrica de Aristarco permaneceu sem consequências devido à ausência de impasses do sistema ptolomaico nos problemas que surgiram até o tempo de Copérnico. Somente a existência de anomalias, ou seja, problemas que não encontravam solução no sistema ptolomaico à época de Copérnico, fez com que os novos paradigmas por ele propostos pudessem ter repercussões, pois havia reais impasses que demandavam esclarecimentos (na verdade, segundo o próprio Kuhn, mesmo os paradigmas propostos por Copérnico, como o heliocentrismo, só vieram a ter verdadeira consequência, mais de cem anos depois). Nos tempos de Aristarco, não havia verdadeiras questões que pudessem se beneficiar de sua proposta heliocêntrica. É uma explicação racional, a de Kuhn, para o fato de uma teoria ter repercussão em determinado momento e não em outro. Dentro dessa óptica, parece-me que Kuhn desconsidera completamente o caráter emocional que acompanham essas descobertas e também as consequências emocionais decorrentes delas (ver, anteriormente, o que escrevi a propósito do comentário de Planck). Um sistema político, assim como um sistema de crenças, não abre mão de seu *status* sem grandes resistências. Na verdade, parece-me que Kuhn não verificou que um sistema político é quase sempre inseparável de um sistema de crenças (científicas ou

a angústia e o ódio de seus contemporâneos por tê-los remetido a um mundo completamente desconhecido, apesar de estarem pisando sobre o próprio. O reconhecimento desse desconhecido teria possibilitado, por sua vez, a expansão do conhecimento, a integração (no sentido de se conhecerem, saberem da existência uns dos outros) dos povos no planeta e do mundo conhecido. Colombo acabou no mais completo ostracismo. Sua reputação só foi restabelecida muito tempo depois. Galileu por pouco não foi queimado e passou preso, em sua casa, o resto dos seus dias.

religiosas). A mudança em um sistema de crenças costuma abalar ou ameaçar seriamente o sistema político assim como a queda de sistemas políticos costuma possibilitar reviravoltas nos sistemas de crença (vide a Santa Inquisição). Do ponto de vista da experiência clínica, é notável como os indivíduos aferiram-se a convicções a despeito do enorme sofrimento que possam lhes causar. A experiência dificilmente consegue modificar sistemas de crença e, mesmo quando isso ocorre, somente com muita dificuldade os indivíduos conseguem se separar (lentamente) dos hábitos vinculados às crenças que já verificaram obsoletas. A angústia diante da necessidade de se conhecer um mundo novo a cada nova mudança de perspectiva costuma ser considerável e geralmente só é transposta em situações em que o sistema vigente coloca o indivíduo em condições muito adversas ou sofridas. A neurose é uma situação muito sofrida e é indissociável de um sistema de soluções que com o decorrer do tempo mostra-se inadequado ou mesmo perigoso para as verdadeiras necessidades de uma pessoa. Mas basta ter um pouco de experiência clínica para perceber como as pessoas se agarram a sistemas que lhes causam prejuízos e que, mesmo quando percebem dispor de recursos mais desenvolvidos do que aqueles dos quais se valem nos sistemas neuróticos, dificilmente toleram deixá-los de lado. Um dos fatores que leva uma pessoa a permanecer em um sistema neurótico fechado é a crença de que aquele modo de funcionar a identifica. Ela pensa saber quem é por aquele modo de funcionar. Ao levantar-se o sistema de funcionamento, a pessoa sente como se não existisse ou não tivesse algo com o que se reconhecer, tal como no conto “O espelho”, de Machado de Assis. Revoluções políticas como a francesa ou a russa ocorrem, em geral, quando a situação se torna extremada. Na verdade, a Revolução francesa foi um movimento burguês que ocorreu quando a classe dos burgueses se viu sem alternativa. Mesmo esses, por mais prejudicados que pudessem estar, hesitaram consideravelmente antes de pôr em marcha um processo que não sabiam de que forma poderia acabar.

Outra situação é a do falso criador que pretende aproveitar-se de sua condição, de captar o que os outros não teriam captado para subjugar e escravizar o grupo (outra vez o conflito entre o narcisismo e o social-ismo), em um vínculo parasitário. Certamente, para haver efetiva submissão do grupo, é preciso compactuar com o falso gênio.

Outras circunstâncias podem permitir um proveito mútuo da condição do gênio/místico, o grupo se beneficiando dele e, ao mesmo tempo, propiciando mais condições para que continue seu desenvolvimento e sua expansão. O diretor de uma grande empresa na Alemanha informou-me que, só em Berlim, existem mais de trezentos doutores em ciência, trabalhando em pesquisa pura para essa empresa.²² Seria preciso um modelo meio rudimentar para descrever essa situação. Há o investimento na expectativa de que algo novo possa surgir. Ao mesmo tempo, haveria a expectativa de que o que venha a surgir possa imediatamente ser apropriado pelo *establishment* no anseio de evitar que este possa sofrer alguma ruptura. Isso não impede, contudo, que o *establishment* perca de vista ou até rejeite importantes descobertas que ele próprio patrocinou. O microcomputador (PC) foi desenvolvido por gente que trabalhava na Xerox nos anos 1960. A Xerox desprezou completamente o alcance potencial dessa invenção. Os criadores do PC acabaram saindo da Xerox por falta de oportunidade de expansão, fundaram a Apple e, posteriormente, a Microsoft. Do mesmo modo, Saddam Hussein foi, possivelmente, “inventado” pelos Estados Unidos para neutralizar o Irã nos anos 1970 e, da mesma forma, Osama Bin Laden para fazer o mesmo em relação aos russos no Afeganistão. O *establishment* tem a fantasia de se apropriar daquilo e daquele que viabiliza a produção, mas a vida também costuma ser surpreendente.

22 Não é, obviamente, algo desinteressado. Os interesses no mercado são de primeira ordem.

Há nações que investem pesadamente em arte, cultura e ciência, e também num alto grau de escolarização, para que os cidadãos melhor dotados possam emergir e contribuir com o grupo. Sempre há, contudo, o temor de que o que venha a surgir possa abalar o *establishment* (ou o conhecido, como ocorre com os problemas gerados com o desenvolvimento da genética) ou do surgimento de gênios do mal. A evolução dependerá dos vínculos que operem no grupo em cada momento determinado (parasitário, comensal ou simbiótico).

O investimento pesado que uma nação ou um agrupamento possa fazer na esperança de propiciar condições para que um gênio aflore não garante, contudo, que tal gênio possa surgir; depende do acaso apresentar um talento. O jornalista e professor J. Jota de Moraes em seu curso “Chaves para compreender a música”, oferecido pela Sociedade de Cultura Artística de São Paulo em 2002, citando Pierre Boulez,²³ relatou o esforço feito na Inglaterra

23 Em “L'esthétique et les fetiches” (in *Panorama de l'Art Musical Contemporain*, de Claude Samuel), Boulez escreve (p. 411-2): “Existe, de fato, uma relação dialética entre a história e o indivíduo: a história que, depois dele, não terá mais o mesmo rosto que antes de sua aparição; um ‘gênio’ é ao mesmo tempo preparado e inesperado. Ele é preparado, pois não saberia ser independente de sua época; tal como disse Malraux: ‘É vendo pintura que alguém se torna pintor; é escutando música que alguém se torna músico, não é possível tornar-se músico no absoluto’ [...] Esse condicionamento terá o seu papel irremediavelmente, não importa o que se faça para se separar dele [...] De alguma maneira, as relações de um criador e a tradição poderiam se simbolizar pela propulsão dentro e por um meio dado. Permito-me retomar a formulação de Pierre Souvchinsky: ‘Seria talvez vão buscar para a história das artes um outro método que não aquele em que se deveria recorrer à história política e social. Mais ainda que esta última, ela deveria ser compreendida como um processo ininterrupto, e como uma sequência de fatos, de eventos descontínuos e distintos [...]’. Se se admite plenamente o papel que possui no desenvolvimento do gênio criador a evolução social e técnica, se se concebe o fenômeno da cultura como um processo dialético, aparentemente contínuo, e se se reconhece toda

para o surgimento de um grande músico *inglês* nos séculos XVIII e XIX (para que se pudesse contrapor à existência de destacados talentos musicais na Itália, Áustria e Alemanha). Apesar de todos os esforços e de todas as condições criadas para a emergência de tal indivíduo, isso não ocorreu. Situação similar é descrita por J. B. Mello e Souza no prefácio “A Grécia antiga e poesia dramática” da tragédia *Electra*, de Eurípedes.²⁴ Neste, Mello e Souza ressalta o extraordinário movimento criativo da Grécia, sobretudo no século V a.C. com a produção das tragédias de qualidade ímpar e aquilo que se seguiu. Escreve:

Em vão Aristóteles expôs, na sua Poética, as normas que lhe pareciam imprescindíveis para que uma tragédia fosse, de fato, um momento de beleza artística e moral, capaz de produzir impressões duradouras e profundas, como as que promanavam das peças antigas. As regras

a importância do ‘meio’ e da ‘época’ que determinam a formação criadora de cada geração seguinte, não se deve deixar de compreender que, apesar de todas as ‘preparações’, a aparição de um grande criador é sempre um fato inesperado e imprevisível [...] É exatamente isso que derrota os fetichistas: o inesperado, para o qual lhes faltam antenas. A evolução histórica, tal como a encaram, está muito longe daquela que a realidade nos propõe. Pobres de imaginação, eles se revelam incapazes de conceber a história de outra maneira que não um ovo no qual sonham se enclausurar; mas a história não se deterá para levar em consideração seus gostos de Museu Grévin. A imaginação, esta ‘rainha das faculdades’, rirá sempre dos fetichismos, ela saberá interpretar a tradição, e provocará, a partir daí, esse ‘choque criador’ de que fala P. Souvtchinsky. Longe de ser uma recusa da história, o imprevisível e o inesperado são suas mais brilhantes manifestações”. Tradução livre do francês, minha. O Museu Grévin é o conhecido museu de cera de Paris. Boulez usa o termo fetichista para se referir a alguém incapaz de mudar os hábitos, que não renuncia aos gostos que lhe foram inculcados desde a infância, cheio de argumentos falaciosos e de má-fé que justificariam a perseverança de suas opiniões e julgamentos preconceituosos.

24 Eurípedes, *Electra*, *Alceste*, *Hipólito*. Ediouro, Ed. Tecnoprint S.A., s.d.

*preconizadas pelo ilustre sábio estagirita não deram outro resultado senão o de animar alguns autores gregos, e mais tarde alguns romanos (entre eles Sêneca), a compor longas e maçadas tragédias destinadas exclusivamente à leitura, ante a absoluta impossibilidade de exhibir no teatro [...].*²⁵

A natureza precisa colaborar, afinal, talentos não nascem em qualquer esquina. O esforço empreendido no sentido de propiciar o desabrochar de um gênio potencial não é, todavia, algo desprezível, muito pelo contrário. As universidades inglesas, tais como Cambridge, empenham-se em aproveitar as mentes brilhantes que possam surgir. Só um dos *College* de Cambridge, por exemplo, tem dezenas de cientistas seus laureados com prêmios Nobel.

A contrapartida da situação anteriormente descrita da Inglaterra parece ser a do Brasil. Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras, comentou, em palestra proferida em junho de 2002, que indivíduos superdotados, sem meios para desenvolver seu talento de maneira mais construtiva, por falta de acesso à educação, cultura e de condições sociais, acabam por desenvolvê-los no mundo do crime. Citou, como exemplo, o traficante Fernandinho Beira-Mar,

25 Harold Bloom, em seu livro *Gênio* (BLOOM, 2002), escreve no prefácio: “Ninguém haveria de implicar com a ideia de se estudar o contexto de uma obra. Mas reduzir literatura, espiritualidade ou ideias a um historicismo tendencioso é algo que não me interessa. As mesmas pressões sociais, econômicas e culturais produzem, simultaneamente, obras imortais e obras datadas. Thomas Middleton, Philip Massinger e George Chapman vivenciaram a mesma energia cultural que, supostamente, moldou Hamlet e Rei Lear. Mas as 25 melhores peças de Shakespeare (de um total de 39) não são obras datadas. Se não conseguimos outro meio de explicar Shakespeare (ou Dante, Cervantes, Goethe, Walt Whitman), por que não retomar o estudo da antiga ideia de gênio? Habilidade não é algo inato; genialidade o será, necessariamente”.

segundo Niskier, um verdadeiro gênio que, sem outra opção na vida, acabou utilizando seus extraordinários recursos na criminalidade.²⁶

Após esta introdução, como abertura, formulo os passos que pretendo desenvolver.

Primeiramente, farei um desenvolvimento teórico dos conceitos apresentados, começando, como já mencionei, pelo de *identificação projetiva*, as posições *esquizoparanoide* e *depressiva*, prosseguindo com *continente* e *contido*, a teoria sobre o pensar de Bion, narcisismo e social-ismo, “common sense” e os fenômenos de grupo (interno e externo).

Em seguida, farei uso de reflexões tiradas da mitologia, da literatura, tanto científica quanto de ficção, além da minha prática de trabalho para substanciar meu vértice. As situações vividas por Freud, Klein e Bion nos contextos sociais em que fizeram suas contribuições são elas próprias fontes de elementos para reflexão. Jesus Cristo e Isaac Luria são contrapontos na história do judaísmo.

26 Recordo-me de um episódio ocorrido com um destacado cientista, docente de uma importante instituição brasileira. Ele havia sido aceito para um renomado pós-doutorado em Cambridge. As vagas eram restritíssimas e pouquíssimos estrangeiros conseguiam ser aceitos. Após o primeiro ano em Cambridge, recebeu um convite extraordinário para estender seu pós-doutorado por mais um ano. Para sua surpresa, teve sua bolsa, patrocinada pelo governo brasileiro, cortada (falta de verba). Precisou interromper. Estava visitando-o e a sua família, na Inglaterra, quando ele ficou sabendo do corte. Em outro episódio mais recente, divulgado pela televisão, uma menina de dez anos, de família extremamente humilde e reconhecida como superdotada, foi impedida de ingressar na Universidade de Minas Gerais, por não possuir certificado de conclusão de curso secundário. Algo muito diverso do que costuma ocorrer nos Estados Unidos, onde o que se verifica, em geral, é o imediato investimento do estado e da comunidade quando emergem indivíduos com tais aptidões (volta e meia somos informados de crianças de pouquíssima idade que já são PhD e fazem parte de importantes instituições científicas).

Finalmente, um capítulo de reflexões finais a partir da investigação sobre o apresentado. Minha pretensão é trazer algo para, quem sabe, ajudar um pouco na evolução do pensamento e das ideias.

Como última formulação, acrescento uma ficção que desenvolvi a partir da releitura de *O processo*, de Franz Kafka, que me surgiu de modo inesperado enquanto escrevia este trabalho, à maneira referida por Sam Shepard em que me senti como um estenógrafo do que me apareceu como um todo pronto e que está relacionado ao conflito entre o narcisismo e o social-ismo.

